Spártacus

Ano I — Numero 16 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 15 de Novembro de 191

QUINZE DE NOVEMBRO

Numa cartà a Mirbeau, introdutória a *Les opinions de M. Jérôme Coignard*, Anatole France escreve: «Os conceitos do padre Coignard nos entremostram um desdém profético dêsses grandes principios da Revolução e dêsses direitos da democracia sôbre os quais firmamos, durante cem anos, com todas as violências e todas as usurpações, uma série incoerente de governos insurreccionais, a condenarem, sem ironia, as insurreições.»

O céptico Coignard profetizava assim a República brasileira, democrata, liberalíssima e condenadora de qualquér insurreição.

O quinze de novembro é uma data revolucionária. Os republicanos, alguns dos quais vivos ainda, resolveram, apoiados tão somente nas forças militares, rebelar-se contra o *direito constituido* e a *ordem politica* da nação.

Todos confessam, com o Sr. Ruy Barbosa á frente, que a revolução de quinze foi um golpe súbito, desferido por uma facção sôbre o país bestializado. Foi uma insurreição, um levante, um crime contra o código penal do Império.

Mas, o próprio Império foi governo insurreccional, pois o grito do Ypiranga era a revolução contra o direito estatuido, contra a ordem legal da monarquia lusitana.

Melhór, porém, é que a República fornece aos padres Coignards de agora um argumento sobreexcelente. Comparando-se o código penal do Império com o da República verifica-se, imediatamente, que os artigos dêste referentes a insurreições, levantes, sedições, conspirações são cópia servilissima, transposição com ponto e virgula do outro, trocando apenas o que era império pelo que é republica.

Assim, o Império, nacido de uma insurreição, condenava a insurreição e a República, nacida de outra insurreição, condena ferozmente qualquer insurreição.

E é natural isso. Todo regimen capitalista, monárquico ou republicano, presidencialista ou parlamentarista é, por vício próprio, compressão de um grupo sôbre a maioria do trabalho. Firmados os aparelhos de sucção exploradora, a tendência é levar essa sucção a quanto possa a vítima aguentar. Logo, ha sempre medo que ela espinoteie, arrebentando queixo e vasilhame.

Por isso, o Govêrno Provisório da República torceu as roscas fortemente á grita dos vencidos. Debalde o general Deodoro aconselhava que os deixasse combater, pela palavra, os atos do govêrno: êle, ignorante que era, aprenderia alguma cousa, da polémica.

Não triunfou êsse conselho. Em 23 de dezembro o Provisório decretava medidas radicais contra qualquér tentativa contra revolucionária e cerceava, rijo e forte, a liberdade de pensamento.

Eis como Eduardo Prado conta o fato. «No dia 24 teve o redator da *Tribuna Liberal* uma entrevista com o ministro da República, o Sr. Quintino Bocayuva, e perguntou-lhe si o decreto de 23 sôbre insurreição militar era aplicável á imprensa. Diz o redator: —Com a máxima franqueza logo respondeu o Sr. Quintino Bocayuva que *sim*, isto é, que nas disposições do decreto contra os conspiradores a palavra *escritos* se referia a toda e qualquér publicação pela imprensa. —Nêste caso, ponderamos-lhe, o decreto envolve a supressão da liberdade de imprensa, pois que outra cousa não é *arvorar-se o govêrno em censor do caráter mais ou menos sedicioso de um artigo*, e mandár que o jornalista seja submetido a uma comissão militar, e, sumariamente e militarmente, punido.— Não contesto, disse o cidadão ministro. —Por último e para evitar qualquer futuro equívoco dissemos iriamos tornar publicas as declarações do Sr. Ministro.—Estão no seu direito fazendo-o, respondeu o Bocayuva. Só nos restava recapitular aquelas declarações e em em breves termos o fizemos. 1º que o decreto de 23 de dezembro abrange artigos ou publicações do jornalismo; 2º que para os jornalistas increpados de sediciosos cessa o fôro civil e ficam êles sujeitos ás penas da sedição militar, respondendo por seus escriptos a uma comissão de militares e 3º, que diante dessas resoluções deixou de existir a liberdade de imprensa mormente para os orgãos politicos».

Em 1891, num manifesto ao povo, o sr. dr. Carlos de Laet nos conta porque âbandonou a imprensa, vitima que foi de um atentado republicano e por lhe haver o governo da Republica, através do dr. José Hygino, seu ministro da justiça, declarado, sem tergiversar, que não podia garantir a liberdade dos jornalistas ameaçados.

Conta mais que os moços do clube *Tiradentes* em reuniões *presididas por membros do Congresso*, planearam o *assassinio dos membros* da comissão de exequias a d. Pedro II. A tudo assistia impassivel o governo.

E clama o sr. Laet: «No terreno da propaganda ou nos deixam a liberdade ou não haverá democracia».

E conclue assim: «Mas o monarquismo não é um partido. E' uma aspiração nacional. Nestas condições como discutir com quem não nos deixa falar? Como opôr o argumento ao tiro e á punhalada? Como ter em constante perigo a vida dos nossos colegas e dos honestos operarios que conosco trabalham? Ceder á fôrça não é desdouro. Quem se deshonra é a força injusta e prepotente. A Republica em todas as suas fases tem sido a perseguição da imprensa.» E bradava: "Si nos calamos é que o *Terror* se faz auxiliar da Republica».

Muito bem, dizemos hoje nós, enquanto o sr. dr. Laet, conciliado com a Republica, bate palmas, naturalmente, á repressão atual contra anarquistas.

Diremos, como disse ele: «O anarquismo não é um partido, é uma aspiração universal». E, como o sr. Laet, não podemos discutir com quem não nos deixa falar.

De modo que a Republica de 15 de novembro continua a ser a perseguição da imprensa. O projeto Adolpho Gordo é mais outra fase persecutoria começada. E isso em nome dos principios revolucionarios de 89.

Mas, o presidencialismo republicano ou a Republica presidencialista é isso mesmo.

Não sou eu quem diz mas um dos fundadores dela, o sr. conselheiro Ruy Barbosa, amordaçador que foi da imprensa no governo provisorio.

Na sua conferencia de Belo Horizonte em 1910, discursa ele sobre o poder do presidente: «Basta Bryce que anda por aí de mão em mão. Que poder, diz ele, em certos momentos, sobe a *uma altura tremenda* e se *aproxima ao dos ditadores romanos?* Na Inglaterra, é o mesmo autor quem o nota, ninguem, desde Cromwel *exerceu poderio igual ao de Abraham Lincoln* na America do Norte.

Ali mesmo se tem dito que na Europa, *de tal autoridade nenhum soberano dispôs ainda sinão o Czar.*» E adiante afirma: "Paul Bourget vai ao ponto de escrever que, no mundo moderno, as duas grandes monarquias absolutas são a Russia e a America do Norte".

E depois de citar Baldwin que abunda no mesmo estilo, o sr. Ruy Barbosa, por sua conta, nos declara que o presidente "uma vez eleito, durante seis mezes em cada ano, é ele os Estados Unidos mais realmente do que Luiz XIV não chegou nunca a ser a França", e, ainda, que é "mais absoluto entre os ministros do que o sultão entre os membros do seu divan".

Logo, que vem a ser o 15 de novembro? Uma era nova, a era de um governo mais absoluto que o de Luiz XIV, que o do Tzar, que o dos sultões. E' o sr. Ruy Barbosa que o afirma; é o sr. Laet quem o acusa; é o proprio partido republicano que o declara recentemente num apelo ao nosso digno, briosissimo e independente parlamento.

Temos ou não temos razão?

José Oiticica

AS DEPORTAÇÕES

O governo vai prestar informações á Camara...

O Sr. Deputado Mauricio de Lacerda apresentou á Camara o seguinte requerimento de informações:

«Requeiro que, por intermedio da mesa, o governo informe com urgencia;

a) quantos individuos têm sido "expulsos" do territorio nacional este ano;

b) nome, idade, nacionalidade, estado e profissão de cada um;

c) qual o prazo de residencia no paiz, de cada um;

d) qual a nacionalidade da mulher, si forem casados, e a dos filhos, si os tiverem, sejam estes naturaes ou legitimos;

e) qual o motivo da expulsão de cada um, ou em virtude de que factos criminosos se verificaram essas medidas;

f) qual o acto ou facto criminoso que é imputado a cada um;

g) qual a provocação a acto ou facto criminoso praticado ou tentado por outrem, de que tenham sido autores;

h) quaes os termos do processo de expulsão de cada um, por copia, *verbum ad verbum*.»

Vamos ver agora as informações que o governo vai prestar... Com a certeza de que nós aqui estaremos para desmentir as mentiras que elas levarem no bojo.

Isto vai ser belo!

Quanto nos custam os nossos benemeritos desgovernantes mais graduados...

Eis, segundo o projecto de orçamento do Ministerio do Interior para 1920, os salarios anuaes de alguns dos trabalhadores da... nação:

Subsidio do Presidente da Republica, 120 contos; ao vice, 36 contos; gabinete do Presidente, 76 contos e 800 mil réis; despeza com o Palacio do Presidente, 100 contos; subsidio dos senadores, 774 contos e 900 mil réis; secretaria do Senado, 905 contos e 120 mil réis; subsidio dos deputados, 2.607 contos e 600 mil réis; secretaria da Camara, 1.243 contos e 331 mil réis; justiça federal, 2.053 contos e 364 mil réis; policia do Districto Federal, 8.451 contos e 690 mil réis; Brigada Policial, 10.288 contos e 510 mil réis; etc., etc., etc...

Isto dá um totalzinho de: . . . . . 26.657:315$000.

E dahi o justificadissimo horror ao bolchevismo, que marcará o fim desta bacanal...

"A Bandeira Vermelha"

E' este o titulo do novo semanario comunista portuguez, orgam da Federação Maximalista Portugueza. Bem feito e vibrante. Endereço: Rua do Arco do Marquez de Alegrete 30, 2º, Lisboa.

O patriotismo é uma religião politica. — *NORMAN ANGELL.*

Provavel violencia

Recebemos aviso de que a policia pretende, por estes dias, assaltar a redação de *Spártacus*.

Não duvidamos, á vista dos acontecimentos daqui e de S. Paulo.

A policia que venha. Encontrará na modesta sala onde trabalhamos coleções de jornaes, algumas centenas de folhetos, quatro cadeiras, duas mezas, um cabide, selos do correio, tinteiros, penas, lapis, tiras de papel, goma arabica, uma tezoura... E não ha mais nada aqui.

Temos mais a dizer que *Spártacus* está legalizado. De conformidade com o tremendo Codigo Civil, registramol-o na Biblioteca Nacional. Requeremos pagamento de imposto ao Tezouro Nacional e só não pagamos porque jornal sem oficinas proprias não paga imposto. Requeremos licença á Prefeitura e desde que o Sr. Prefeito se digne deferir o nosso requerimento, iremos imediatamente pagar o imposto devido.

O aluguel da sala está pago, adiantado, até ao fim deste mez.

Assim, pois, nada devemos e nada tememos.

Que venha a policia!

Destrúa a redação de *Spártacus* e impeça-nos, pela força, de continuar a sua publicação.

Terá acabado com o anarquismo? Vã pretenção. Com isso a policia terá penas dado mais um golpe mortal na Constituição da Republica e, por conseguinte, reforçado as razões do anarquismo.

Podem depois tocar o hino, á vontade. Com a certeza de que nós não tiraremos o chapeu da cabeça...

A VICTORIA

Celebrou-se, esta semana, o primeiro aniversario da assinatura do armisticio, data da Victoria... Victoria? Vale a pena reproduzir o belo artigo que, sobre isso, escreveu o deputado socialista francez Pierre Brizon, por ocasião da pomposa "Festa da Victoria", celebrada em Paris...

Não, não festejemos a Vitoria... A Vitoria é a guerra. E a guerra é a morte.. Já ha mortos em demasia.

Todo o dia trabalhei nos meus campos; e á noite vesti-me de luto, dentro da minha propria casa — eis o que me diz, numa carta, um velho lavrador cujos filhos morreram sob uma chuva de metralha.

Temos que fazer como o lavrador — trabalhar de dia; recolher, á noite, á casa; fechar as portas e vestirmo-nos de luto...

Os nossos corações entristecemse perante os sepulcros.

Os nossos corações entristecemse perante as ruinas.

Os nossos corações entristecemse perante as miserias e os sofrimentos que continuam a brotar da guerra.

Neste caso, abandonemos aos brutos que provocaram «isso», as festas e a alegria.

A morte de dez milhões de homens não se festeja. O trabalho, sim, pode festejar-se, mas com a condição de ser como o do lavrador, meu amigo.

A Sciencia e a Felicidade tambem devem ter a sua festa. E os desgraçados que tombaram não queriam sinão instruir-se na arte de ser felizes.

A Europa dourada, a Europa que manejava o leme sacrificou esses dez milhões de homens a interesses odiosos, a convencionalismos infames. Conduziu-os ao naufragio eterno. Lançou-os nos abismos da morte. E todas essas «Festas da Victoria», todos os gritos, todas as «frases», toda a farça e toda a comedia não os farão ressuscitar...

De resto, não ha Victoria. O nada não se festeja.

Ha tres anos diziamos no manifesto de Kiental:

«Nem vencedores nem vencidos, ou por outra, todos vencidos, isto é, todos sangrados, todos arruinados, todos esgotados: tal será o balanço desta loucura guerreira".

A 24 de Junho de 1917 declaravamos na Camara dos Deputados, selvagem e ululante:

«Com a juventude na sepultura, as melhores gerações sacrificadas, a civilisação em parte destruida, a riqueza perdida, a desolação em todos os cantos, será a este triunfo que chamareis a Victoria»?

Só poderia haver Victoria si a guerra tivesse sido morta para sempre, estrangulada pela propria guerra. Mas esse facto só se pode dar com o triunfo dos povos sobre os seus governos de rapina, de privilegios e de reação.

Entretanto, escutai os gritos de guerra da reação alemã:

«Impõe-se-nos o dever de mantermos o antigo espirito prussiano. Os nossos inimigos semearam o odio. Trataremos de cuidar da semente que eles espalharam até o nosso povo se tornar bastante forte para quebrar as cadeias que o manietam».

Isto é o chamamento á desforra, como se fez em França após a guerra de 70. Mas, então, ainda se pensa na *revanche?* Aqui, neste solo da França, ainda se fazem festas guerreiras sob a aparencia de "Festa da Victoria"? Ainda vamos ter quarteis, soldados, armamentos, ruinas? E o militarismo, ainda continuará a ser o mesmo cancro das nações? E é a esta vida miseravel que a sinistra Internacional dos Brutos pretende conduzir novamente a humanidade?

Venha, pois, a onda do Socialismo, a onda que ha de subverter o velho mundo que tanto faz sofrer os homens. E — que este socialismo de paz e amor, de justiça e de bem estar, quer dizer, o Bolchevismo — execrado pelos malandros, pelos ladrões e pelas féras de todos os paizes—quebre os dentes, arranque as garras a todas as bestas selvagens.

Então, sim, teremos conseguido a Victoria, a verdadeira Victoria. No meio duma alegria imensa, poderemos festejal-a. O sangue não mais correrá. As lagrimas tambem não: — nem as do velhos lavradores, nem as das mulheres, nem as das crianças. Poderemos viver livres, emfim, dessa maldição...

Aos nossos inimigos arrebataremos os bens que a natureza deu a todos, — o carvão, o ferro, como lhes deu o ar e a luz. Poderemos ler todos os livros no meio da maior tranquilidade. Escutaremos a musica assombrosa dos grandes maestros e não o ruido dos canhões. E nunca mais nos havemos de arruinar com a metralha estupida. E se Schneider o homem dos canhões falir, tanto melhor para nós...

Abaixo a guerra!...

Pierre Brizon.

O valor das lei

E' cousa assente e sabida que qualquer lei escrita, no papel por mais liberal que seja o seu espirito, não passa dum sofisma desde que a massa popular não esteja á altura de a fazer executar e tirar dela tudo que possa dar de garantia e liberdade.

E' sabido tambem que, mesmo com pessimas leis, quando o nivel moral e revolucionario do povo está bastante desenvolvido obtêm-se conquistas extraordinarias passando-se por cima delas não as respeitando ou procedendo como si elas não existissem.

Na Inglaterra as leis não se revogam: envelhecem, caducam, esfarelam-se. E quando se fazem leis novas é para consagrar as vantagens e conquistas que o povo e a população já desfructam sem que a lei tivesse intervindo para nada.

Ainda agora na Italia tivemos a prova exacta desta afirmativa. Os camponezes de diversas provincias invadiram as terras incultas dos grandes potentados territoriaes, apoderaram-se delas e começaram a cultival-as, só fazendo o seu dever. Não havia leis que permitissem semelhante gesto. E o governo apressou-se em forjar decretos legalizando o esbulho já consumado, visto que fazer o contrario seria sustentar uma situação revolucionaria de facto.

—

A constituição brazileira era festejada e celebrada como uma das mais liberaes de todo o mundo, baseada em sentimentos nobres, largos e generosos, dando garantias a gregos e troianos, digo a nacionaes e estrangeiros, prometendo respeitar todas as crenças, todas as aspirações politicas e sociaes dos cidadãos, etc., etc.

Realmente, no papel é assim mesmo. E durante alguns anos de regimen republicano parece não haver razão de queixa. E porque?

— Simplesmente porque o povo continuava a viver á moda antiga, afastado e alheiado de todos os movimentos que tendessem ao melhoramento da sua vida moral, economica e intelectual.

A Imprensa era livre!

Efectivamente, monopolizada pela burguezia, só dizendo o que a esta agradava, não havia motivos para que não continuasse a abarrotar o cerebro popular de crendices e potocas que o conservassem desviado do caminho que o conduzisse á sua libertação.

O direito de reunião era um facto! Naturalmente; pois si o povo se reunia sómente para escolher os magarefes que o haviam de enganar e explorar, os tozadores que o teriam de tosquiar, comprehende-se perfeitamente que não houvesse perigo em o povo reunir-se.

Bastou, porém, que surgisse a imprensa operaria, debatendo as questões sob o ponto de vista inteiramente humano das reivindicações sociaes modernas, procurando orientar o operariado para a conquista imediata dalgumas melhorias na sua existencia de pária e de escravo, para que jornaes fossem aprehendidos, suspensos, assaltados, empastelados... e a liberdade de imprensa era uma utopia!

Bastou que os operarios fundassem os seus sindicatos onde se reunissem e estudassem as questões referentes aos seus interesses de homens espezinhados e vilipendiados, expulsando a politica do seu seio e aprestando-se para a grande batalha que ha de derrubar este vil mundo burguez, canceroso e sifilitico, e nós estamos vendo em que resultou o direito de reunião: prisões, processos, expulsões...

Livre expressão de pensamento! E' por isso que os politicos estão forjando e aprovando de afogadilho uma lei de repressão anarquista onde o direito de reunião, a liberdade de imprensa e toda e qualquer liberdade é completamente suprimida, apagada, desterrada. Quer dizer, a constituição brazileira, esse monumento juridico que honrou o Brazil desde o advento da Republica, foi revogada, suprimida, mutilada, e o cidadão, brazileiro ou não, fica á mercê do arbitrio de qualquer façanhudo esbirro policial.

Conclusão moral: a burguezia tem o topete de fazer lindas leis para inglez vêr, para a fachada, para chamariz.

Em quanto o povo não se aproveita das garantios concedidas, as leis mantêm-se como peças inteiriças e servem de reclame ás instituições que as engendram.

Quando o povo, porém, já educado e orientado, se aproveita das leis para exercer os seus direitos e obter as regalias a que faz jús, a burguezia, a sua comissão executiva — o governo —, declara a Constituição revogada e apressa-se em improvizar uma legislação que constitua peias ao pensamento, obstaculo á liberdade, escamoteação á justiça, embaraços á razão, vilipendio ao direito.

Claro, a humanidade passará por cima mais uma vez. Os surtos do pensamento, as ancias de liberdade, a marcha do progresso, não se matam com leis, decretos ou portarias. E' servindo-os, é indo ao seu encontro, é aplainando o terreno, é alizando as arestas que se consegue sem choques dolorosos a evolução natural das cousas.

Quem tem ouvidos que oiça.
Quem tem olhos que veja.
Não digam depois: é demasiado tarde! é demasiado tarde!

Adelio

O manifesto da "Nacionalista"

A Liga Nacionalista de S. Paulo, acaba de publicar, no *Estado de S. Paulo* de 27 de Outubro findo, um «patriotico» manifesto ao operariado nacional, começando por dizer não ser do programa dela intervir por qualquer fórma em divergencias que se levantem entre operarios e capitalistas...

Como porém ela prevê um *movimento politico* na actual agitação operaria na Paulicéa, rompendo o seu nacionalistico programa, julga de bom aviso dizer ao operariado nacional que se precavenha contra os perigosos elementos estrangeiros que se imiscuem no seio das classes trabalhadoras unicamente com o fito de se intrometerem na *nossa politica*...

Que grandissimos e veneraveis imbecis são esses nacionalisteiros!

Então supõem vocês, seus patriotas, que nós trabalhadores pretendemos chafurdar na gamela em que se refestelam e refocilam os torpes exploradores do nosso braço e da nossa actividade?!

Não! Nunca!

Nunca desceremas a tão ignominiosa casta parasitaria, somos productores e não sugadores, somos vida e não inercia, somos honrados e probos e não ladrões e exploradores!

Como trabalhador brasileiro, homem livre e consciente, protesto contra as sandices articul das no tal manifesto contra os meus irmão trabalhadores, que nasceram fóra do Brazil e que para aqui vieram colaborar na riqueza desta imensa região, empregando a sua actividade em beneficio dos grandes piratas nacionaes e estrangeiros.

Vós dizeis, no vosso infeliz manifesto: — «Como havemos de tolerar, calados, em nossa terra, a actividade de estrangeiros em problemas de que só os nossos poderes devem cogitar e as nossas leis devem reger?»

Muito bem. Ora vamos lá, senhores da Nacionalista; a começar pela imprensa vejamos qual a percentagem de estrangeiros e qual a de nacionaes...

Caminhemos depois pela industria e vejamos si não é na mão de estrangeiros que estão todas as *nossas* fabricas e oficinas; olhemos para o comercio, o *alto* comercio e apreciemos si não é nas mãos estrangeiras que ele está completamente açambarcado!...

Na *nossa* propria politica interna e externa quem é que nos moviment sinão a vontade insaciavel dos argentarios inglezes e americanos?

Mas, contra esses vós não ousais abrir o bico, antes pelo contrario, para esses vós vos desfazeis em salameleques e zumbaias e ante eles curvais a vossa cervis, humildes e rasteiros como a tiririca; esses não são «exploradores estrangeiros», entretanto são individuos que aqui aportaram com o firme proposito de explorar a terra, os homens e as instituições do paiz.

Ha, ainda no vosso manifesto, uma frase lapidar, que nós trabalhadores brazileiros desejamos tornar bem conhecida; é aquela em que vós dizeis: — «*Aos operarios estrangeiros diremos que o Brazil é nosso*».

Saibam pois os trabalhadores estrangeiros que este *bem fadado* Brazil é dos senhores da Liga Nacionalista... e, portanto, si quizerdes fugir fazei-vos primeiramente ladrões ou capitalistas e d'est'arte vos podereis aquinhoar com um naco deste vasto presunto; assim é preciso porque os nacionalisteiros só toleram calados a «actividade» de estrangeiros que pertençam á grei da alta rapinancia.

Quanto á vós, trabalhadores nacionaes e estrangeiros, si continuardes a trabalhar em pról da revolução social, tereis como recompensa o calabouço ou a «legal» expulsão; nesta minha terra, (que mau habito o meu, chamal-a *minha*!) nesta terra é crime e crime nefando prégar-se o comunismo, desejar-se uma organisação social esteiada na verdadeira solidariedade entre os povos, onde não haja a exploração do homem pelo homem.

Aqui, neste liberalissimo Brazil, onde se está forjando ás carreiras uma de lei de arrocho contra o pensamento, é prohibido dizer a verdade; aqui se galardôa o delator, o criminoso, e se pune e castiga o audacioso que queira dizer, de qualquer fórma, aquilo que sinta e que seja em beneficio dos que tudo produzem e nada têm; aqui, enfim, é o paraizo dos ladrões e o inferno dos trabalhadores!

Paciencia e ação... Na Russia tzarista era ainda um pouco peor, porque havia o *knut*; entretanto, como a Russia se parece, tanto em grandeza como nos habitos, com o Brazil, é provavel, quasi certo mesmo, que os sucessos lá desenrolados se repitam aqui tambem...

Lá havia um tzar; aqui além do tzar-assú temos uma enfiada de tzares-mirim, cada qual mais realista do que o rei; por isso tratemos desde já de os ir relacionando a ver si teremos postes suficientes...

Não esqueçamos tambem de relacionar os senhores da tal Liga Nacionalista, pois que teremos um serio ajuste de contas no dia em que este Brazil fôr nosso!

Y-Juca Pirama

"A Plebe"

Os moços paulistanos, estudantes de direito e lacaios da Light e da policia, empastelaram "A Plebe". Mas "A Plebe" resurgirá. Mesmo com as oficinas e a redação destruidas, os nossos camaradas de S. Paulo ainda publicaram um numero rijo do valente quotidiano, no qual, com as merecidas chibatadas na cara dos miseraveis, se lança um serio apelo ao proletariado paulista, no sentido de se adquirirem novas oficinas. O apelo não terá sido feito em vão e esperamos ter em breve na barricada, de novo, "A Plebe" resuscitada e imortal.

•

A proposito do empastelamento de "A Plebe", transcrevemos o protesto que, por telegrama, os estudantes do Recife enviaram aos estudantes de S. Paulo:

«Faculdade de Direito de S. Paulo. Corpo discente. — Bloco Estudantes Socialistas Recife protesta atitude reacionaria estudantes paulistas, apoiando exploração capitalista. Esperamos vosso auxilio nobres conquistas proletarias.»

Como se vê nem tudo está perdido no Brazil, mesmo entre estudantes...

Contra as leis de repressão

Uma conferencia do Dr. Theodoro Magalhães

Promovida pelo Centro Republicano Brazileiro, realizou o Dr. Theodoro Magalhães, quarta feira ultima, uma conferencia sobre as leis de expulsão e repressão actualmente em uso e projecto.

Jurista reputado e republicano sincero, o Dr. Theodoro Magalhães dissertou longamente sobre o assunto, examinando-o, com proficiencia e ardor, á luz da Constituição Federal, mostrando fartamente como os falsos democratas e usurpadores dos poderes publicos têm colocado o arbitrio dos seus tiranicos instinctos acima da lei fundamental do regimen.

A lei de expulsão de 1907, como o seu apendice de 1913, como os actuaes projectos Adolfo Gordo e Arnolfo Azevedo, foram severamente e luminosamente criticados pelo conferencista, que assiste, com amargura e revolta, ás violações e ás deturpações da obra revolucionaria de 1889.

E foi com insopitada indignação que o orador se referiu aos deturpadores e violadores, socios vilissimos da vilissima oligarquia em cujas garras vorazes vai a Republica se despedaçando e finando...

Coisas velhas

Completa-se agora a terceira decada de governo republicano no Brazil... Não sei porque, deu-me a veneta, esta semana, em ler coisas velhas, do tempo do Imperio. Andei a fazer de traça, nas prateleiras empoeiradas de livros esquecidos, de brochuras bichadas, de panfletos antigos. E eis aqui um destes, cujo titulo me prendeu a atenção: *Os anarquistas e a civilização*, Edição Laemmert, datada dé 1860. Escreveu-o: *Um Pernambucano*. E eu o reli, agora, entre riso, meio riso e quasi gargalhada, por vezes. Vale a pena reproduzir as suas invectivas mais rijas contra os «anarquistas», contra as «doutrinas loucas». Mas sabeis vós, que acaso me lêdes, quem eram os «anarquistas» e quaes as «doutrinas loucas», a que se referia *Um Pernambucano*, em 1860? Já o vereis...

×

Paginas 9 e 10:

«Quem é aquela formosa matrona, de magestoso porte, que, armada e coroada de raios, empunha um ceptro, e se recosta num trono, tendo a seus pés feixes de armas e escudos, e por atributos o leão, a serpente e a aguia, e no peito um diamante?

E' a monarquia.

Quem é aqueloutra possessa, desgrenhada a viperea coma, espedaçadas as vestes, vendados os olhos, que em seu desordenado correr vai calcando o livro da lei, brandindo um punhal na dextra, e com a sinistra sacudindo incendiaria tocha?

E' a anarquia».

Por onde se vê que os invectivadores anti-anarquicos de agora nem ao menos possuem o merito da originalidade. Mas não vos afobeis, que a coisa é outra... Continuemos.

Pagina 12:

"E', sem duvida, condição dos governos livres a tolerancia na emissão do pensamento; mas o abuso dista tanto do uso como o incendio do calor, como o naufragio da viagem, como a arma curta do assassino da espada do guerreiro".

Puro Adolpho Gordo. Puro Geminiano. Mas adiante.

Paginas 16 e 17:

"Monarquia e Brazil são duas palavras e uma só idéa; são alma e corpo, só indestructiveis quando inseparaveis. Atacar a monarquia é atentar contra a integridade, a grandeza, o futuro da nação".

E no entanto trez decadas se comemoram hoje que a monarquia foi atacada e morta... e não consta que o Brazil se tenha destruido com a separação.

Paginas 24 e 25:

"Não pode tolerar-se o cavaleiro, cujo escudo ainda é liso no serviço da patria comum, proclamar refeces, servis, cobardes e egoistas, a tantos denodados cavaleiros, cujos brazões assentam nas mil cicatrizes recebides em defeza de seu solo E' injusto; é barbaro; é vil!"

Não pensa de outro modo o Ministro Alfredo Pinto, hoje, 59 anos passados, e por isso deporta e persegue os novos "cavaleiros de escudo liso", que têm a audacia de arremeter contra os "denodados cavaleiros" de 1919...

Pogina 26:

..."desordeiros e anarquistas"...

Velho casamento, o destas duas palavras, sempre repetido pelos sacerdotes da Lei e da Ordem!

Pagina 30:

"Para taes prégadores, a discordia.. é um principio, um meio, um fim, um *desideratum*".

O venerando Nuno de Andrade ou o ilustrado Ferreira Botelho não nos definiriam com mais segurança...

Pagina 31:

"Apelais para as revoluções, para a guerra civil?"

Pagina 32:

"Insensatos, que julgam corromper um povo, porque alucinam e corrompem alguns individuos!"

A velha aria da meia duzia...

Pagina 36:

"Indignas excitações não produzem sinão um efeito, o de pôr a nú, torpe, e cinicamente, as canibalicas intenções de desalmados revolucionarios".

Modelo perfeito do matraquear ordeiro dos nossos dias. Mas eis aqui, á mesma pagina 46, um trecho que pode sem deslustre figurar numa entrevista do Sr. Geminiano, provando a legalidade e o constitucionalismo das perseguições de 1919:

"Si taes doutrinas audazmente arremessadas pela imprensa, não são as que a legislação preveniu, quando no art. 68 do Codigo Penal pune até a simples tentativa de destruir a integridade do... (paiz), não sabemos a quaes o legislador se refere".

A' pagina 47, este paralelo acachapante:

"Falámos da *ordem*, da *realeza*, do *rei*; venhamos aos pomposos vocabulos, que usam antepôr-lhes: *liberdade, democracia, republica*.

Maravilha-se o pensador de ver que, para debelar tres corpos se lhes oponham tres sombras; a tres solidas idéas contrariem tres palavras vãs."

Maravilhais-vos, senhores?

Pagina 53:

"Consenti pois, vós, *liberdadeiros*, que nós, progressistas da razão, olumiada pelo Evangelho, nos não finemos de amores por uma voz obsoleta, sinistra, que não rememora sinão ingratidões, e ostracismos, sempre vermelha de sangue, ou negra de luto, grito que acompanha todas as insurreições que abalam, que destroem, mas que não fundem."

Isto é autentico Katespero da encarnação anterior...

Pagina 35:

"Democracia! Quem é essa filha dilecta das entranhas virgens da America...?... Mas essa forma não existe, jámais nunca existiu: é um brinquedo infantil com que os habeis iludem os povos; é uma fabula, um mito, uma abstração, uma alegoria filosofica".

Utopia, quimera, sonho vão...

Pagina 57:

"Esses ambiciosos, falazes seductores: esses declamadores energumenos e vãos, funambulos que com o talco das palavras fazem refulgir idéas negras..."

Isso não é do Sr. Andrade Bezerra, nem de Monsenhor Rangel.

Paginas 60 e 61:

«Exaltação sem fim, e sem freio, raiva mortal á ordem, encarniçado desejo de agitar e revolver, teimosa esperança de crimes .. sêde de vingança... sediciosas minorias...

...sob a influencia dessa continua explosão de teorias barbaras, e de hediondas calunias, se tenta formar, lá no fundo da sociedade, lá onde se encontram as paixões grosseiras, e as inteligencias violentas (que nem sabem suportar nem comprehender a ordem), uma milicia obscura de homens, capazes de tudo...»

Pagina 62:

Essa fórma social «que toma por simbolo o tigre e o gato, isto é, a ferocidade, e a ingratidão, não convém ao povo, como o brazileiro, essencialmente brando, essencialmente generoso, e essencialmente reconhecido.»

Tal e qual como hoje, e outro motivo não move o Sr. Alfredo Pinto sinão o de libertar o pacato povo brazileiro, o ordeiro operario nacional, do mau elemento estrangeiro e subversivo...

Pagina 73:

...«prégador de demagogia desenfreada, céga, furiosa, funesta á ordem e á liberdade... ficai certos de que sob esses diogenicos andrajosos se encobrem os mais hipocritas ambiciosos».

Pagina 83:

«Emquanto tiverdes um soberano (o Brazil ha de tel-o sempre)...»

Chamar-se-á ele, hoje, Epitacio Pessoa?

Um Pernambucano conclue tranquilamente o seu panfleto, confiado na solidez das instituições (pagina 91):

«Graças ao senso publico, essas ruins aspirações naufragarão no escolho de uma já solida educação politica deste povo prudente e sisudo...»

E 39 anos depois o 15 de novembro confirmava peremptoriamente a solidez das instituições defendidas por *Um Pernambucano*...

×

Já percebestes, de certo, quem eram os "anarquistas" e quaes eram as "doutrinas loucas", a que se refere o folheto em questão. Os "anarquistas" eram, em 1860, os propagandistas da Republica, e as "doutrinas loucas" eram as doutrinas republicanas.

Um Pernambucano definia a coisa assim, em termos irrevogaveis (pagina 71):

«A republica é pois a mentira, como a monarquia é a verdade, e que serão os agitadores republicanos?»

Ele os qualificava no decorrer da objurgatoria: loucos, utopistas, ambiciosos, exploradores, sanguinarios, trahidores, velhacos, vis...etc., etc. Os mesmissimos qualificativos com que os republicanos de hoje mimoseam os anarquistas.

E até o dia 14 de novembro, eram os republicanos perseguidos e amaldiçoados ferozmente, pelos poderosos do Imperio. Este tinha a força ao seu lado, tinha a famosa guarda negra em reação constante, e os propagandistas da Republica sofriam-lhes todas as violencias possiveis. Mas no dia 15 de novembro, a força bandeou-se para a Republica, a guarda negra desfez-se e o solido Imperio... desmoronou-se para sempre.

Ora, a historia é uma repetição. Como o solido Imperio de então, a Republica de hoje ha de tambem desmoronar-se. Não ha exercitos, nem marinhas, nem policias, nem tribunaes, nem cadeias, nem decretos, nem Deus, nem o diabo que a salvem!

Maximo X.

A imprensa revolucionaria na Argentina

Cadeias, presidios, deportações, guardas brancas, ligas patrioticas... tudo isso tem sido empregado pela burguezia argentina contra o proletariado argentino — e tudo isso tem sido ineficaz.

Prova, temol-a na imprensa revolucionaria, que resurge. "La Protesta", o velho diario anarquista, cujas batalhas se contam por 22 anos de existencia heroica, está "de nuevo en la liza", — "con los mismos entusiasmos y energias de siempre".

"Tribuna Proletaria", é o titulo de outro quotidiano revolucionario, guerreiro social da primeira linha.

Isso, a não falar nos varios periodicos semanaes, quinzenaes, mensaes, espalhados por toda a Republica, todos consagrados á obra fecunda da renovação.

De modo que as tremendas perseguições não adiantaram nada. Isto é, adiantaram isto: reforçar ainda mais o valor dos elementos capazes, chamar ás fileiras os da reserva e desenvolver a dedicação dos revolucionarios nacionaes — precisamente, pois, o contrario daquilo que pretendia a reação burgueza...

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrar-se-á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiracea. *De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.*

Terror e defeza revolucionaria

Lénine, numa entrevista concedida á imprensa, poz um termo definitivo ao problema do Terror vermelho, trazendo á luz um ponto que os mais zelosos defensores dos bolchevistas não lembraram talvez suficientemente: a saber, que o Terror não teve começo com a dictadura do proletariado e que não ha, entre ele e o regimen dos Soviets, nenhuma relação de causa a efeito.

E' facto inconteste que, no momento da revolução de novembro de 1917, os adversarios do governo bolchevista não foram incomodados: os jornaes burguezes continuaram a aparecer e os mais violentos adversarios do novo governo foram deixados em liberdade.

Sómente após as tentativas de reação capitalista e ante a ameaça do perigo exterior e interior é que se estabeleceu, para assegurar o triunfo da revolução, o regimen necessario do Terror vermelho.

O mesmo processus historico se verificou na França, em 1793, sob a dictadura do Comité de Salvação Publica.

Fica, pois, mais uma vez estabelecido que, no ciclo das revoluções, a violencia, como meio de governo, não é obra imediata dos revolucionarios, mas consequencia das tentativas contra-revolucionarias, feitas pelos amigos do regimen cahido.

Pretender que a contra revolução, ensaiando reconquistar o poder perdido, exerce um papel legitimo, seria admitir a excelencia da ordem anteriormente reinante.

Este é — na discussão do facto revolucionario russo — um argumento de que podem usar os partidarios do capitalismo, mas de que se não podem servir os socialistas, partidarios, por definição, da destruição da ordem burgueza.

Torna-se necessario que aqueles dos nossos, que ainda fazem reservas sobre este ponto da ação bolchevista, reconheçam que o regimen sovietista não se baseia em maior violencia que qualquer outro movimento revolucionario.

Mas, então, quando tiverem aceitado esta verdade, hoje verificada pela entrevista de Lénine, eles deverão admitir ao mesmo tempo que o bolchevismo outra coisa não é que uma tentativa de realização revolucionaria da teoria socialista.

E essa não será a hora de desviar o pensamento em discussões estereis sobre os meios permitidos e os meios interdictos de uma ação revolucionaria. Será bastante dizer si se está com ou contra a Revolução e as suas consequencias possiveis e provaveis.

Eugène Frot

"La Protesta"

E' o titulo de um novo combatente das fileiras libertarias da Italia — «periodico quindicinale di propaganda anarchica».

Seu redactor é o conhecido militante italiano Roberto D'Angiò.

Endereço: Via Silvio Pellico 8, Spezia.

Trabalho obrigatorio?

Na aburguezada conferencia Trabalhista de Washington um dos conferencistas apresentou uma proposta a ser discutida: — o trabalho obrigatorio para pobres e ricos. Ora, como era natural, a burguezia internacional alarmou-se toda, inteirinha. Era o cumulo!

Os burguezes, habituados á malandrice, serem obrigados a trabalhar?! Qual! já não havia mais graça em ser rico.

E os periodicos burguezes desta Sebastianopolis desandaram a comentar a proposta trabalhista com um sentimentalismo e um cinismo revoltantes. Em todo caso—disseram alguns vespertinos—é de se acreditar que tal proposta seja posta á margem sem discussão alguma. Isto sintetiza o desejo da burguezia dinheiruda e vagabunda. Eis ahi mais uma prova—si tantas outras não nos bastassem— para a afirmação, de cadeira, que a burguezia não quer, absolutamente, trabalhar.

O que ela almeja é aumentar os seus escravos, reduzil-os a *bestas de carga*, espolial-os, enganal-os, roubal-os. Quando, portanto, nos vierem os senhores burguezes, seus lacaios e a padraria aconselhar ao trabalho: que ele é digno, que é consolador, mandemol-os incontinente descascar nabos.

Eles que comecem primeiro a trabalhar antes de aconselhar.

Caso contrario, partamos-lhe a cara quando nos vierem prégar a moral do trabalho.

A teoria do burguez é que o trabalho é muito bom, é excelente exercicio... para os outros.

Pedreira de S. Diogo com eles!...

Lucio Marçal.

"A Hora Social"

Já está em circulação, ha dias, o anunciado diario dos trabalhadores pernambucanos. E' um belo esforço, que merece apoio e estimulo. Endereço: Praça do Carmo, 107. Recife.

UM EXEMPLO LUMINOSO

A Federação Internacional dos Estudantes Socialistas envia a Barbusse uma carta entusiastica

Enquanto, em S. Paulo, os estudantes, rebaixam-se como cães á qualidade miseravel de fura-gréves, defensores do capitalismo estrangeiro e empasteladores da imprensa proletaria brazileira, na Europa os estudantes se organizam e formam ao lado das correntes revolucionarias do proletariado, com uma alta comprehensão das responsabilidades do Pensamento nesta grave hora de transformação do mundo. Que este exemplo luminoso fructifique entre aqueles dos nossos estudantes ainda limpos e os desperte para a luta fecunda!

«Querido e admirado Barbusse: Temos ouvido os constantes apelos que tendes lançado e vemos hoje com alegria que o programa da "Clarté" é conciso e tende a uma viva realidade. Dentro em pouco, não o duvidamos, veremos a Internacional do Pensamento poderosamente organizada, celebrar os Congressos periodicos e secundar os esforços da Internacional Operariá.

A Federação Internacional dos estudantes socialistas, socialistas revolucionarios e comunistas dirige-vos saudações fraternaes e propõe-vos a mais estreita colaboração no terreno internacional e socialista.

O primeiro Congresso da nossa Federação celebrar-se-á em Genebra de 14 a 17 de dezembro proximo. Até ao presente aderiram já os estudantes organizados de 18 nacionalidades, representando um total de 20.000. Com a Internacional do Pensamento, queremos chegar a ser uma autoridade suficientemente forte para sermos escutados pelos poderes publicos para ajudar o advento da sociedade socialista.

Temos um programa pedagogico socialista que realiza, isto é, que preconiza, como meio de *controle* das reformas propostas e aceitadas, o sistema dos "Conselhos de estudantes", tal como existem ha muitos anos na Suissa e na Alemanha. Para alcançar os nossos fins temos necessidade de conquistar todas as simpatias, razão porque chamamos em nosso auxilio todos os homens de espirito livre, todos os escritores, intelectuaes e socialistas—desde o professor do povo ao mèstre na Universidade.—O nosso Anatole France disse: «Tanto ou mais que o alimento e o ar, a educação transforma o homem». E nós cremos que, si o problema social assenta indiscutivelmente sobre questões economicas, tambem descança em grande parte sobre questões pedagogicas. Tomemos o mal na sua origem: a escola.

Tem a Internacional do Pensamento fins identicos aos da nossa Federação. O comité internacional dos estudantes socialistas roga-vos que examineis o projecto da sua organização, que é o seguinte:

«Necessitamos, em primeiro lugar, de estabelecer solidamente a Federação internacional dos estudantes socialistas e comunistas e criar um Comité permanente que assegure o bom funcionamento da Internacional. Quando este comité estiver constituido proporá aos Comités da Internacional Operaria, da Internacional Sindicalista, da Internacional das Juventudes Socialistas e da Internacional do Pensamento, para que enviem delegados, ao local previamente combinado, afim de decidir da constituição dum *bureau* central permanente no qual estas seis agrupações socialistas estarão representadas. Este *bureau* central organizará a ação que resulte do estudo das varias questões. Pôr-se-á de acordo com os professores, pedagogos, intelectuaes, jornalistas e deputados socialistas que possam fazer pressão sobre os poderes publicos, já pela sua influencia no seio das Universidades e Institutos, já por meio de campanhas na imprensa, já por meio de interpelações parlamentares: os jornaes e professores poderão por-se de acordo acerca da internacionalização do ensino de Historia—considerada desde o ponto de vista social—posto que este é, sem duvida, o ensino que, tal como hoje se ministra, ocasiona as mais profundas e graves feridas na juventude. Trabalharão ainda pela internacionalização e completa gratuidade das Universidades, Institutos e Colegios; pela criação de Universidades Populares permanentes, de Teatros e Bibliotecas de Povo».

O Comité internacional dos estudantes socialistas não poude examinar o problema mais além da parte que directa e especialmente lhe interessava. Mas é evidente que a actividade deste *bureau* central póde estendender-se a todos os dominios economicos e sociaes, pois as organizações que a integram, salvaguardada a sua completa autonomia, manterão com todas as suas forças as reivindicações por qualquer delas defendidas.

Desenvolveremos o sindicalismo—meio legal—em todas as suas formas. Oponhamos á organização burgueza, cada dia mais carcomida e vascilante, uma organização precisa e formidavel, para que nada seja deixado ao acaso no dia em que o proletariado internacional alcance o poder.

Sabemos que a união faz a força. Por isso, querido e admirado Henri Barbusse, vos expomos o nosso projecto, persuadidos de que o examinareis e que uma inteligencia fraternal sahirá deste estudo.

Vosso e da causa socialista.—*Comité internacional dos estudantes socialistas.* — Rue des Chaudronniers, 6 — Genebra—(Suissa).»

As leis são como as teias de aranha: si se é pequeno ou fraco, cai-se dentro delas; si se é maior ou mais forte, rompe-se a teia e foge-se. — SOLON.

NA RUSSIA

As tropas vermelhas do Soviet continuam a dar bordoada grossa nos mercenarios de Yudenitch, Denikine, Koltchak e outros miseraveis a soldo do imperialismo anglo-francez. Os telegramas burguezes nem mais disfarçam a derrota tremenda da reação...

E com isso chega o inverno, que é tambem bolchevista.

E ainda com isso aumenta dia a dia a efervescencia revolucionaria na Italia, na França, nos Estados Unidos...

E' o mundo inteiro que se revoluciona, a passos largos para o comunismo triunfante. Toda gente vê e percebe isso claramente—menos os poderosos governantes do Brazil, que supõem que o Brazil ha de fazer excepção no mundo, com a sua democracia de piratas e de parvos. Brrr!

Nenhum homem rico pode ter produzido com o seu proprio trabalho tudo que possue, porque isso é materialmente impossivel. — A. PELLICER PARAIRE.

E CONTINÚA...

A dictadura burgueza, que nos desgoverna, prosegue no seu programa reacionario e liberticida...

As prisões se multiplicam.

As ameaças crescem de tom.

As deportações continuam.

Foram presos, esta semana, os camaradas Caiazzo, Manzini e Mesquita, todos tres sapateiros. Seguirão no primeiro navio.

Isso para os estrangeiros.

Para os nacionaes— peor é o destino que os espera. A bem da segurança de almofadinhas, melindrosas, patifes da politicalha e cavalheiros da industria, irão purgar o pecado da sua altivez nas grades dos presidios ou—pelo que dizem — nos sertões bravios de Mato Grosso e adjacencias.

Ha um caso concreto, a apurár desde já. O camarada Pimenta desapareceu. Indo daqui para S. Paulo, por acasião da ultima gréve, foi agadanhado, ao pisar na estação da Luz. Foi impetrada ordem de habeas-corpus em seu favor. Interrogada, a policia informou que não, que Pimenta não se achava preso... E não se sabe ao certo onde ele pára. Consta que o desterraram para o sertão...

Isto é uma infamia que brada aos ceus, e necessita de um movimento de solidariedade da parte dos trabalhadores Não é possivel que as sistamos de braços cruzados aos sacrificios dos nossos camaradas mais dignos e dedicados, como João da Costa Pimenta.

O Centro Cosmopolita, daqui, a Internacional, de São Paulo, bem como as associações graficas de ambas as cidades, classes a que pertence Pimenta, estão no dever de tomar a dianteira do movimento.

Energia!

—

Já escritas as linhas acima, quando os jornaes noticiam mais tres expulsões, pelo «Ceylan», partido ante-hontem deste porto: Adriano Pinto da Costa, Manuel Fernandes Gomes de Amorim e Antonio Rodrigues da Silva.

Uma nota significativa. Com estes tres camaradas foi tambem expulso um outro individuo portuguez, processado como «vadio contumaz». E' a propria policia e são os proprios jornaes que acentuam a diferença entre o vagabundo e os outros — o que vale por confessar que os anarquistas, não sendo vagabundos nem capitalistas, são — *trabalhadores*.

Registremol-o.

Contra as expulsões

Já tiveram inicio, na Camara, os debates em torno do requerimento do Sr. Mauricio de Lacerda pedindo informações ao executivo a respeito das expulsões de anarquistas.

Ante-hontem falou o Sr. Nicanor Nascimento, combatendo a ação governamental. Hontem falou o Sr Mauricio de Lacerda. Já antes havia falado o "leader" do governo Sr. Torquato Morêira, em defeza do governo.

Os jornaes de grande informação, quer dizer, todos os jornaes burguezes do Rio de Janeiro, apenas publicaram inexpressivos e apressados resumos dos discursos dos Srs. Nicanor e Mauricio. Alguns mesmo não publicaram uma palavra. E como o povo não lê o *Diario Official*, fica o povo na ignorancia total das opiniões sustentadas no parlamento contra a ação governamental.

Infelizmente não nos permitiu o pouco tempo que nos ocupassemos mais longamente com esses discursos, neste numero. Fal-o-emos na proxima semana.

Comtudo, acentuemos desde já o facto: mesmo fóra dos meios proletarios avançados, vai-se avolumando a corrente de oposição e repulsa pelas medidas dictatoriaes do Sr. Epitacio contra as classes trabalhadoras. Nem tudo está morto, neste charco...

Uma opinião respeitavel

O colendo Supremo Tribunal Federal, julgou, a semana passada, uma ordem de habeas-corpus pedida em favor do nosso amigo Everardo Dias. Foi denegado o habeas-corpus, por 7 votos contra 5, segundo divulgou a imprensa.

Esta mesma imprensa reproduziu longamente os debates travados em torno do caso. E o colendo Tribunal teve oportunidade de ouvir sobre o assunto alguns conceitos interessantissimos, que não resistimos á tentação de trasladar para estas colunas. Valemo-nos da versão do *Correio da Manhã*.

O Sr. Ministro Edmundo Lins declarou que não havia nada de excepcional nos artigos de Everardo, aos quaes atribuia a policia tremendas virtudes demolidoras e subversivas.

O Sr. Ministro Viveiros de Castro atalhou a observação do venerando colega:

— «V. Ex. espera, então, que uma bomba de dinamite seja atirada aqui no recinto do Tribunal pelo paciente para depois acredital-o anarquista?»

Ao que retrucou o Sr. ministro Edmundo Lins:

— «E estaria ele no exercicio do seu direito de legitima defeza, uma vez que nós, juizes, não cumprissemos o nosso dever de observar e fazer respeitar os principios constitucionaes».

Como se vê, é uma grave, mas respeitavel opinião.

Que pensará o Sr. Geminiano a respeito dela?

Tres pessoas distinctas e uma só explóração verdadeira

Na ingloria e miseranda missão de ludibriar o povo, estas tres entidades: — Estado, Clero e Patronato — aliam-se num pacto solene e indissoluvel que lhes garanta, por tempo indeterminado, todo seu direito de escamoteação.

Cada qual, na esfera das suas atribuições, dispondo de forças incontrastaveis, e que lhes são fornecidas e alimentadas pela inconsciencia dos proprios explorados, vão mantendo este circulo vicioso em que vivemos.

Os governantes, apoiados nas baionetas e canhões fabricados pelas proprias victimas da sua prepotencia, cream leis e deveres — para todos — mas que só são impostos aos desprotegidos da fortuna.

Um pobre soldado que tenha a desfortuna de chegar á caserna tres ou cinco minutos depois do toque de recolher, terá que sentir sobre os hombros todo o peso bruto da disciplina militar: si é desrespeitado e ultrajado por um dos muitos senhores de galões e tem a altivez precisa para reagir, então é que o pobre diabo se arrepende tres vezes de ter nascido, porque além de ser mimoseado com uma serie de palavras que a decencia manda calar, não raro sofre os afagos pouco agradaveis das chibatadas no lombo, si não fôr parar, por trinta ou sessenta dias, numa infecta solitaria, donde, fatalmente, sahirá beriberico ou tuberculoso.

Quanto ao oficial, o que lhe pode acontecer de peior, é ser promovido na primeira oportunidade, por se ter mostrado energico zelador da ordem disciplinar.

Isto, quanto ao militar: agora, tratando-se de funcionarios publicos ou operarios do governo, cousas não menos interessantes se passam.

Assim é que, si um continuo, cujos vencimentos mal chegam para não morrer á fome, tem a infelicidade de encontrar um dos muitos individuos que têm negocio com o Estado e lhe promete pequena gratificação para, valendo-se das mil artimanhas muito usuaes nas Repartições Publicas, afim de fazer com que os seus papeis tenham despacho rapido, e este infeliz continuo é descoberto na sua cabala, ai dele! porque na melhor das hipoteses, o que lhe pode acontecer, é ser suspenso de suas funções com perda total dos vencimentos, por dois ou tres mezes.

Mas se o negocio se passa com um alto funcionario, a cousa muda de figura—e neste caso o negocio não será de 20 ou 30$, não, ahi a cavação atinge a gorda maquia de 20 ou 30 contos — por que si o sugeito é pegado na falcatrua, corre logo aos padrinhos, que são certamente trunfos de cabeça, e então ordens são expedidas imediatamente, no sentido de evitar a divulgação do facto delictuoso. E a cousa morre ao nascer, evitando-se, dest'arte, o escandalo em torno do caso.

A mesma cousa que se passa com o simples continuo e o alto funcionario, dá-se com o operario e seu chefe.

Aquele, si carrega um pouco de metal para vender por oito ou dez tostões e é pegado, é despedido da oficina e muitas vezes entregue á policia; mas si o moambeiro é um chefe qualquer, o resultado é diferente, porque este a mais das vezes, além de gozar de alta proteção na repartição em que trabalha, é tambem um forte cabo eleitoral, de sorte que os pausinhos são tecidos a bem da garantia do emprego do mestre-moamba, pois que, da colocação deste chefe relapso, depende em parte a grande força eleitoral dos politicos seus protectores.

Fica tudo como d'antes, no quartel de Abrantes...

Agora, no que respeita ao clero, muita coisas ha de importancia tambem.

Começaremos pela missa, por ser uma das suas maiores fontes de renda.

A esportula da missa deve ser expontanea, segundo opinião de entendidos no assunto; no entanto, os senhores ministros de Deus, zelando mais pelos seus interesses pessoaes do que pelos da Religião de que se dizem sacerdotes, estabelecem preços para as mesmas, o que muitas vezes põe em serios embaraços aqueles que, crentes na absoluta eficacia da missa, na absolvição dos pecados de seus mortos, não se encontram, no entanto, aparelhados para satisfazerem as exigencias dos srs. de sotaina.

Ora, um individuo pobre, que luta muitas vezes com grandes dificuldades para arranjar 1$ com que possa mitigar a fome, não pode, certamente, dispor de doze mil reis para uma missa.

Mas o padre, cuja voracidade é maior do que a sua religião, não se conforma em fazer abatimento no preço, porque, diz ele, quem não pode mandar dizer missa pelos seus defuntos, sugeite-se á missa da casa, que todas as igrejas celebram ás segundas-feiras.

Muito bem, mas, pergunto eu, si a tal "missa da casa" satisfaz todas as exigencias da Religião Catolica Apostolica Romana: porque, pois, essas outras missas com preços estipulados, a começar em doze mil réis e a terminar não sei onde?

Depois, ha mais o seguinte a observar: o preço das missas varia segundo o fausto do cerimonial; si a missa é rezada em outro altar que não o mór, e com duas velas acesas tão sómente, custa doze mil réis; si, porém, é dita com mais de duas velas acesas, ela aumenta de preço á proporção do numero de velas; e, quando celebrada no altar mór, acompanhada de canticos e orquestra, a cousa então é de alto lá com ela, custa este mundo e o outro e mais um pedaço por cima.

No entanto, a Igreja não admite o fausto, condena o luxo...

Não seria melhor, portanto, que esses pobres trabalhadores, cujo maior pecado é o de terem nascido pobres, — deixassem a missa para um canto, e, com esse dinheiro, que dão aos padres para que eles vivam á farta, nédios e sacudidos, cuidassem de melhor prover a sua subsistencia?

Que pensem e analisem...

Temos chegado, por fim, ao Patronato, o mais directo sugador do sangue humano.

Multiforme é a maneira por que esses senhores exploram seus escravos, disfarçados em operarios.

Quando o individuo começa a vida com pequeno capital, de ordinario faz-se muito amigo dos trabalhadores, alegando infinidades de razões com que procura justificar o minimo de ordenado que lhes faz, em troca do maximo da produção, que deles solicita; sim, porque neste caso, ele não exige nada do trabalhador, pede apenas.

Mas se tem a fortuna de ver o negocio progredir, e conseguir regular capital, não pede mais, ordena, fala com arrogancia, não é mais o camarada que se entende com outra camarada, não! E' o patrão que se dirige ao operario e que diz assim com toda semcerimonia.

— E' p'ra quem quizer; quem não estiver satisfeito peça contas!...

Si, porém, o industrial principia já capitalizado, a sorte do operario não é melhor.

Porque todo o individuo que se estabelece, outro fim não tem sinão auferir lucros.

Portanto, esses têm de ser conseguidos seja lá como fôr; porquanto, o que é preciso é que haja lucros.

De modo que uma das modalidades da exploração é a seguinte:

A materia prima subiu de preço; vai dahi o industrial aumentar, nos preços dos artigos de seu ramo de industria, tantos por cento quantos os que lhe aumentaram na materia prima, e assim, consegue resarcir o prejuizo; mas, como Bismark dizia que a ocasião pegava-se pelos cabelos, o industrial, astuto como todo homem de negocio, não perde a oportunidade que se lhe depara, de aumentar os seus lucros, envereda então pelo caminho da redução do salario de seus operarios.

A uns, ele diz que aumentou o preço de seus artigos, devido á subida de preço do material; a outros, ele alega a mesma razão.

E a tosquia é geral: tão tosqueado é o freguez que compra, como o operario que produz.

Quem, porém, é mais prejudicado, neste jogo de prestidigitação, é o pobre operario que, embora reconhecendo, o mais das vezes, que está sendo ludibriado pelo patrão, não se sente com forças bastante para revoltar-se: ora temendo as forças das baionetas do Estado, que vive de parceria com a burguezia; ora imbuido pelo sentimento de resignação pregado pelo padre que diz: os que sofrem resignadamente na Terra, alcançarão o Reino da Gloria no Ceu: — e outras vezes por temer que, sahindo da casa daquele patrão, que tão miseravelmente o explora, possa faltar á familia o pão com que matar a fome.

E assim conjecturando, deixa-se ficar o trabalhador inconsciente, sob o guante de ferro, das tres pessoas distinctas e uma só exploração verdadeira.

Benedicto Preto.

O LEILÃO

Os tempos são chegados para a luta,
Destruam-se estas leis e estas prisões!
Que se levante o Povo que labuta
Para elevar as grandes multidões!

A justiça burgueza, a lei do Estado,
Este grande Papão que tem de ruir,
Não tendo outro argumento formulado,
Limita-se a prender, matar, mentir!

A Sociedade trata os prisioneiros
Como o grande Ferrer, com barbarismo;
Que comece a justiça dos obreiros
Pelo livre dispor do Comunismo.

Não mais este regimen dominante
Que defende o ladrão contra o roubado;
Oponhamos num gesto altisonante
O regimen da paz tão almejado.

Sabeis que vem a ser *questão social*,
Esta guerra com sangue sustentada?...
A injustiça da lei e da moral
Defendida por vós — plebe explorada!

Um bando de piratas bem unidos,
Ministros, presidentes, jornalistas,
Diplomatas e reis, todos vencidos
Pelos grandes principios anarquistas;

Inda teima em desviar o excelso feito
Que nos vai conduzir á Liberdade!
Para firmar depois o seu conceito
Chamando á Terra «minha propriedade»!

A Terra, o Mar, o Sol não têm senhores,
São productos da propria Natureza!
Onde os foram comprar os gosadores
Que sustentam ser sua esta riqueza?

O trabalho do rico è sempre inutil,
Seu dinheiro provém do desgraçado;
Sendo uma classse improductiva e futil
Deve ter o seu tempo terminado!

Emquanto o obreiro que é o factor de tudo
Não tem pão para o lar, seu santuario,
Eis que o nobre está farto e carrancudo
Cogitando em minguar o seu salario.

Não vale produzir nem ser honesto
Que o regimen protege o vagabundo;
E' pois mister que o povo tenha um gesto...
E' preciso fazer-se um Novo Mundo!

A lei da burguezia é letra morta,
A justiça se troca por dinheiro,
Mas o Povo moderno não suporta
Que se faça leilão do mundo inteiro!

Adalberto Viana

Aos nossos amigos

Mais do que nunca se fáz necessario todo o esforço para a manutenção da nossa imprensa. Nós aqui estamos dispostos aos mais extrémos sacrificios para que *Spártacus* consiga atravessar, impavido e rijo, o desencadear da furia reacionaria da burguezia. Que nos não falte o apoio moral e material dos nossos amigos, e esta folha ha de lutar sem desfalecimentos, no mais avançado das linhas de fogo, até o ultimo homem que nos restar nesta trincheira vermelha... *Spártacus* vive e viverá!

Aviso

Os camaradas que ficaram com ingressos para a conferencia pró «Spártacus», realizada no Centro Cosmopolita pelo jornalista Stefanowitch, e que ainda não satisfizeram as respectivas importancias, poderão fazel-o entregando essas importancias nesta redação.

Pequenas notas da guerra, da paz e da revolução

A ação da Libra

Anotámos, a vez passada, a noticia telegrafica segundo a qual o parlamento inglez votara uma autorização ao governo de Sua Graciosa Magestade para emprestar 15.000.000 de libras ao General Denikine, que combate os bolchevistas por conta do imperialismo britanico e francez.

Mas esses 15.000.000 de libras vêm apenas somar-se aos muitos milhões já gastos por John Bull, paladino das liberdades mundiaes, na miseravel campanha de escravização do povo russo.

O *Livro Branco* inglez sobre as «crueldades bolchevistas», recentemente publicado, estampa as despezas nesse sentido feitas desde a assinatura do armisticio até 31 de julho ultimo:

Despezas ocasionadas pela ocupação e evacuação de Arkangel e Murmansk: 17.910.000 libras. A manutenção do exercito do Caucaso custou: 2.860.000 libras. As operações navaes do Baltico e do Mar Negro montaram a 5.200.000 libras. Total: 25.970.000 libras.

O *Livro Branco* publica ainda as despezas, feitas no mesmo periodo de tempo, com que o governo inglez tem ajudado Koltchak, Denikine e os Estados balkanicos:

Koltchak: 14.430.000 libras. Denikine: 26.050.000 libras. Os Estados balkanicos e o exercito russo do Noroeste: 2.835.000 libras. Total: 43.315.000 libras.

Total geral de todas as despezas: 69.285.000 libras. Cerca de 140.000:000$000, em moeda nossa... Apenas!

E assim vai a Inglaterra cumprindo solenemente os grandes principios da guerra: liberdade dos povos, luta contra o imperialismo, e outras lérias que taes!.. Mas que sucia de salafrarios!...

Linda e sonora coisa!

Como a Estonia, a Letonia a Lituania e a Finlandia, tambem a Polonia tem absoluta necessidade de concluir a paz com os Soviets russos.

A situação economica e financeira da Polonia é das mais criticas. Entretanto, os aliados a obrigam a manter em pé de guerra 500.000 homens, em lutas constantes na Galicia, na Silesia, na Lituania, etc.

São de facto os governos aliados que, em nome da decantada liberdade dos povos, obrigam o pobre governo polaco a essa ruinosa politica militarista. O povo da Polonia, operarios e camponezes, deseja a paz. Mas os gabinetes de Londres e Pariz não o querem—e acabou-se!

E' o proprio Paderewski quem o confessa abertamente, numa entrevista concedida ao *Daily News*:

«Eu perguntei aos Aliados si eles desejavam que nós fizessemos a paz com os bolchevistas. Fizeram-me saber que os Aliados queriam que nós continuassemos a luta. A nossa sorte está ligada á dos Aliados e nós devemos seguir lealmente a sua direcão neste assunto.»

Que linda e sonora coisa a Liberdade dos Povos, pela qual os Lloyd George e os Clemenceau se bateram— isto é, mandaram os soldados se baterem...

Na America

Sobre a crise social nos Estados Unidos, escreve Phedon em l'*Humanité*:

«Com a guerra, a fortuna publica cresceu ainda mais, com o aumento fabuloso dos capitaes; mas cresceu tambem, em sentido inverso, a servidão dos assalariados, pois o aumento dos salarios não igualou o encarecimento do custo das subsistencias. Resultado: o desequilibrio, a desorganização mundial da producção ameaçando as massas com um periodo de fome e de desocupação.

Assim, sob a influencia premente dos acontecimentos economicos, as fracções socialistas aumentaram de modo imprevisto. O sindicalismo revolucionario, representado pelos Operarios Industriaes do Mundo (I. W. W.) desenvolvem-se celeremente, apezar da coerção governamental, e paralelamente surgem, pela primeira vez, tendencias divergentes no seio da conservadora American Federation of Labor.

A especulação dos trusts atingiu, na America, proporções inauditas. Os Packers de Chicago, fabricantes de conservas de carne, outrora denunciados por Upton Sinclair no seu belo livro a *Jungle*, levaram ao cumulo as suas operações, dominando a alimentação de 100 milhões de homens. Os fabricantes de calçados cometeram abusos taes, que um inquerito federal reclamou pesadas medidas contra eles. A corporação do petroleo ganhou 700 milhões em 1918...

Ora, os lucros imensos do grande capitalismo se baseiam na extorsão do proletariado. Este, por mais aumento no salario, não póde prover ás mais elementares necessidades. As gréves destes ultimos mezes, gréve dos transportes, gréve do aço, gréve do carvão, visavam antes de tudo melhoria nas condições de vida dos trabalhadores, mas elas têm adquirido tanta amplidão, que não podem deixar, mais cedo ou mais tarde, de degenerar em movimento de subversão social. Quando as Fraternidades dos ferroviarios, com Plumb, reclamam a expropriação dos acionistas e a nacionalização, quando elas ameaçam, em caso de recusa, de ir até á revolução, isso significa claramente que é novo o caminho por onde enveredam.

Até agora, o reformismo do operario americano era, de um certo modo, um obstaculo á transformação universal. Mas eis que a sua consciencia de classe desperta, caminha e se afirma. E' um sintoma de primeira ordem.»

A revolução italiana em marcha...

Sobre a aventura de Fiume, claro é que a imprensa burgueza só nos fornece informes unilateraes, favoraveis a D'Annunzio, e esquece totalmente as noticias contrarias.

Eis, por exemplo, o que publicava o *Avanti!*, em 25 de setembro, dirigindo-se aos companheiros desmobilizados da união socialista romana:

«Todos os associados que ainda estão de posse do uniforme militar, particularmente os graduados, são convidados a guardal-o. Todos os associados, que possuem grau de oficial, são convidados a enviar á união socialista romana os seus endereços, com a indicação do respectivo grau».

E o *Avanti!* acrescentava, em comentario:

«Desde que se permite a uma infima minoria de pescadores de aguas turvas levantar ameaças, á mão armada, contra a imensa maioria do paiz, pensamos que tambem nos será permitido, a nós e aos nossos companheiros, recorrer ás medidas de defeza necessarias».

Finalmente, prevendo a eventualidade da proclamação duma republica dos conselhos de operarios, camponezes e soldados, o *Avanti!* publicava as seguintes indicações:

«1º O principio da necessidade da força para vencer e para assegurar a victoria do proletariado reclama a adoção de um programa de organização defensiva bem diferente da antiga ordem da nação armada, apregoada pelos socialistas antes da guerra, mas hoje insuficiente diante dos acontecimentos.

2º A organização defensiva do proletariado armado, cujo fim imediato e provisorio consiste em assegurar as conquistas revolucionarias e resistir aos esforços contra-revolucionarios da burguezia, deve assentar nesta base fundamental: gestão directa do poder pela força armada. Aos conselhos de operarios e de camponezes devem corresponder os conselhos de combatentes, os quaes deverão assumir todo o governo disciplinar, tecnico e administrativo das massas e substituir o actual poder oculto ou interessado do estado-maior.

O comando, bem como a direção das usinas será tomado individualmente por delegação e sob a fiscalização dos orgãos do governo colectivo.

O registro e o recrutamento deverão ser estrictamunte locaes e inspirar-se no principio da descentralização federalista.

Não é prudente excluir *a priori* e não é possivel na pratica desprezar os elementos activos e positivos do exercito burguez, os quaes, ao contrario, deverão ser aproveitados, pondo-se, especialmente os tecnicos, na absoluta impossibilidade de causar danos de qualquer especie, antes colocando-os na necessidade de consagrar toda a sua competencia ao novo exercito, a exemplo do que fez Trotski na Russia».

Partido Comunista Operario dos Estados Unidos

John Reed e seus adeptos, que acabam de abandonar o partid socialista nacional, formaram um agrupamento cujo programa se baseia nos seguintes pontos: Dictadura do proletariado; nacionalização da industria e da finança; aliança com os spartacistas alemães e os bolchevistas russos; implantação do regimen dos soviets para reprimir a falsa democracia burgueza e a burocracia capitalista.

Esta nova organização, que tomou o nome de Partido Comunista Operario, é francamente bolchevista e não oculta os seus planos de estabelecer no paiz norte-americano a dictadura do proletariado e o sistema dos conselhos de operarios e soldados. O partido socialista nacional sofreu com esta cisão um rude golpe e o bolchevismo internacional vê as suas fileiras engrossadas duma nova e aguerrida legião.

O «artigo 18» em pratica...

Episodio da gréve ferro-viaria ingleza, contado por um correspondente do *Diario de Noticias*, de Lisboa:

«Logo aos primeiros dias da gréve, o governo conseguiu pôr em circulação 6.000 comboios em todo o territorio do paiz. Graças á admiravel educação pratica e profissional ingleza, estes comboios eram conduzidos por voluntarios de todas as classes e condições: oficiaes, soldados desmobilizados, industriaes e engenheiros, alé generaes e almirantes—e até bispos e outros eclesiasticos! Quasi não houve proprietario de automovel que não oferecesse imediatamente o seu carro para transportes intra e extra-urbanos, prestando-se quasi sempre a guial-o ele mesmo. Assim, qualquer «freguez» circulava nas ruas de Londres dentro de um automovel luxuoso, levando como «chauffeur» um milionario ou titular conhecido!»

Esta noticia é preciosa. Estes burguezões e burguezotes, furando a gréve, davam razão aos grévistas: a agitação operaria se produz em resultado da desigualdade economica; a desigualdade economica resulta, primeiro do direito burguez de propriedade privado e segundo do direito burguez ao não trabalho. Ora, si os burguezes, na hora da necessidade, se mostram aptos e capazes para o trabalho, isso prova que o seu «direito» ao não trabalho é um direito falso, e que não trabalhando, como não trabalham (em trabalho positivo, productivo, entenda-se), estão roubando a comunidade e dando, por consequencia, causa ao grande desequilibrio economico actual no mundo—motivo este das gréves. Ingresse, pois, toda a burguezia na classe do proletariado, contribua com o seu trabalho para a produção geral e a crise actual terá desaparecido e com a crise as gréves. E' isto precisamente o que nós pregamos. E' exactamente isto o que, em economia, estatue o bolchevismo, no art 18: *Quem não trabalha não come*...

Sendo mostrado a Bias, um dos sete sabios da Grecia, um templo cujas paredes se achavam cobertas de promessas e ofertas de marinheiros salvos de naufragios, após haverem dirigido fervorosas preces aos deuses, perguntou ele:

— Bem, mas onde estão as ofertas daqueles que morrereram afogados depois de implorar socorro?

"A Razão" e as suas razões

«A Razão», que se arrogou o papel de mentora dos trabalhadores e que apezar das manifestações havidas em desabono de tal pretenção ainda continúa na mesma *habilidade*, vendo que faliram os processos até aqui empregados para envolver o meio trabalhador (espiritismo, maximalismo, comunismo e, si não é exagero, até anarquista já foi), meteu-se agora a sindicalista.

O caso não mereceria reparos de maior, porquanto este processo mistificador de fazer *opinião publica* não é novidade alguma das rodas jornalisticas burguezas, é de todos os tempos, mórmente dos nossos dias. Mas o que constitue novidade é a fórma inédita que dá ás suas *habilidades* e que por denotarem a mais absoluta falta de habilidade irritam não só as pessoas de bom senso — a nós proporciona-nos bom humor—como, decerto, a seus proprios colegas no foliculismo. Porque, si a burguezia, a *Ordem* e o Sr. Epitacio não dispuzessem de outros recursos e de defensores mais inteligentes, bem poderiamos levar as mãos á cabeça, pois que a causa deles estaria desde já irremediavelmente perdida.

Porem, *felizmente*, assim não sucede. Com a deportação de trabalhadores que se destacaram pela sua actividade no meio sindical, quer pela sua inteligencia, quer pela bôa vontade e dedicação, «A Razão» vem procurando insinuar com uns tantos disparates que, embora não nos façam a menor sombra, antes pelo contrario, convém comtudo aproveital-os para dar uma lição de que «A Razão» e com ela alguns trabalhadores—bastante carece, já que se meteu a *defensora* dos sindicalistas.

Não vamos fazer uma exposição detalhada sobre sindicalismo, pois que para isso teriamos de fazer um minucioso estudo retrospectivo, mas apenas, a traços largos, mostrar a diferença que possa haver entre sindicalismo e anarquismo.

Houve noutros tempos uma Internacional de trabalhadores (talvez a «A Razão» não saiba disto) a que se denominou de primeira. A paginas tantas da sua existencia deu-se uma cisão em seu seio do que resultou formarem-se duas correntes, dois grupos, com metodos e tacticas opostas. Um tomou o nome de marxista, o outro de anarquista. O primeiro aconselhou os trabalhadores a servirem-se do sufragio para a conquista dos poderes publicos e por intermedio deste decretarem as reformas sociaes, ao passo que o segundo aconselhou os trabalhadores a conquistarem por suas proprias mãos tudo o que lhes diz respeito, isto é, fóra da engrenagem politica.

O primeiro deu origem a que nos parlamentos tivessem assento os representantes dos trabalhadores (que em vão esperaram pelas reformas); o segundo determinou, com a sua propaganda, que os trabalhadores se organisassem em sociedades de resistencia, conquistando as reformas imediatas pela *acção directa*, dentro do criterio extra-parlamentar. E as coisas foram evoluindo... Passados tempos esboça-se uma nova corrente afirmando que os trabalhadores nos sindicatos se *bastavam*, tomando o nome de sindicalista e assim a organisação operaria se tornou um sistema com finalidade: o sindicalismo. Foi o filho que, depois de creado, se emancipa da tutela do pae. Conclusão: os sindicalistas batem-se pela supressão do regimen do salariato e consequentemente pela posse da direcção da produção. Como, porém, a pretensão dos sindicalistas é fundamentalmente anti-capitalista, que o mesmo é dizer anti-estatal, anti-constitucional e extra-legal, como diabo quer «A Razão» ser sindicalista ou defensora dos sindicalistas e como tal revolucionaria, prégando ou defendendo a revolução e ao mesmo tempo estar de boas com o governo, com quem está o cargo de defesa da Ordem Capitalista e que os sindicalistas, mais do que qualquer (mais mesmo do que os anarquistas) detestam e se insurgem a cada momento? Esta faz lembrar a do pobre sapateiro quando lhe deu para tocar rabecão.

Isidoro Augusto.

Da burguezia

Afinal, Petrogrado não cahiu, e Denikine, a grande esperança do burguez, está em cheque! O capitalista, que nos momentos dificeis do bolchevismo esfregou as mãos e sorria escarninhamente, em sinal de regosijo torpe, a estas horas coça a cabeça desapontado, ao constatar o fracasso dos seus queridos Denikine, Yudenitch e outros. Todavia os periodicos capitalistas não cessam de apregoar aos quatro ventos a decadencia do bolchevismo, quando, na verdade, o exercito vermelho avança, triunfante, levando de roldão as tropas mercenarias que não podem vencer porque não têm fé que as estimule. Quando se convencerá a burguezia do poder formidavel do maximalismo? E até quando estará disposta a ladra burguezia a tripudiar sobre a miseria e a sugar o sangue e a alma do pobre trabalhador que para não morrer de fome se sujeita a trabalhar como uma besta para receber no fim do mez, da mão viscosa do patrão, meia duzia de mil réis, dados de má vontade! Triste fadario! Desgraçada vida! Trabalhar de sol a sol, quotidianamente, para afinal de contas não possuir um tostão, e angariar todos os males! Ah! si o pobre trabalhador tivesse a consciencia da sua fortaleza, sem-duvida que a estas horas, sob o céo glorioso que nos cobre, nem mais um vampiro ousaria sorver-nos o sangue!

Trabalhador humilde e pusilanime, convence-te que és mais forte que o teu vil patrão! Ele será mais poderoso porque possue milhões, porém tu és mais forte porque possues todas as virtudes e a força do teu braço!

Que é o teu patrão?... Um gatuno, indubitavelmente! Sim... um gatuno—porque a mim ninguem me convence de que o Sr. Fulano e o Sr. Sicrano da Silva adquiriram uma fortuna de milhares de contos de réis pelo trabalho honesto, de alma honrada como a vossa.

E além de ser gatuno é tambem trahidor.

Vós, que perseverastes na honradez e no trabalho, ficastes para traz, ao passo que o crapuloso, de falcatrua em falcatrua, era guindado ao fastigio!

O teu patrão é, quasi sempre, além de gatuno um trahidor. Emquanto honesto e pobre, fazia causa comum comtigo, quando comia o insipido "pão que o diabo amassou", anatematisando a corja vil dos açambarcadores, invectivando em linguagem rude e potente a burguezia solerte.

Porém, como trazia no coração o "demonio da perversidade" e na alma danada a sedução do ouro, preferio ao trabalho honesto—a traficancia e o furto. Os que são fundamentalmente bons não sabem da cêpa torta. Ele sabia isso. Resolveu pois, lançar mão da tranquibernia.

Assim, impingindo gato por lebre, vendendo por doze mil réis o que lhe custou mil e duzentos, conseguiu enriquecer em pouco tempo — em dois anos! Este individuo moralmente é um pária, é uma abjeção do universo. Pertence, na escala zoologica, á classe dos reptis. Jamais póde pertencer á classe dos antropoides.

Apezar de possuir cinco, dez, mil contos (ou por isso mesmo) não sabe escrever e mal soletra! Para escrever o seu nome emprega uns gatafunhos que não se parecem nada com as letras do alfabeto: escreve mecanicamente, como quem faz um desenho.

E' claro que acima da preocupação de aprender a lêr e a escrever estavam outras preocupações mais poderosas e indubitavelmente mais productivas: a preocupação de explorar o seu semelhante e a de vender a filha. E dahi (quem sabe!) talvez a solercia bronca o não ajudasse!

Destes tipos contam-se centenares. Não obstante, os jornaes classificam-nos de "conceituado negociante", "um dos cavalheiros mais distintos da nossa sociedade", etc., etc.

Oh! tanta infamia e desfaçatez brada aos ceos!...

Desde o momento em que montou um prostibulo, uma casa de fazendas ou uma venda—a causa da burguezia adquiriu mais um respeitavel... tratante, e, *ipso facto*, passou a ser considerado um transfuga infame.

Começa, antão, a explorar, sem dó nem piedade, o pobre operario, que, com mulher e sete filhos, trava uma luta titanica entre as conveniencias e os instintos que clamam vindicta, — para sobreviver á miseria.

Diz algures o autor do "Quo Vadis?": «Todo o homem tem em si a sua tragedia». E, na verdade, poderá haver mais esquiliana tragedia que a do pobre operario martirisado e escarnecido?!

Fernando de Rosalba.

Administração

NS. 14 E 15

ENTRADAS

Venda avulsa	273$40
Assinaturas	3$00
Ferrão	2$00
F.	5$00
Marcineiros	7$00
Sapateiros	100$00
Jacob	5$00
Lista Izauro	15$00
Oliveras	10$00
V. Gonzalez (B. Horizonte)	50$00
Isidoro M. e outros	54$00
Guerino P. e outros (Campinas)	47$00
J. Souza (pacotes)	7$60
3 1 5	5$00
Th. Silveira (S. João d'El Rey)	25$00
Alfredo Martins	5$00
Bottino (pacotes)	12$00
J. Paula	3$00
Colin	5$00
A. Bernardino	1$00
M. e S. A.	10$00
Lista extra Pinto (resto)	1$70
Lista n. 64 (Rocha)	26$50
Construção Civil	50$00
E. Coselli (pacotes)	8$00
Lista n. 50 A (Bottino)	14$00
Colecta na C. Civil, dia 7	61$50
Lista n. 61	20$00
M. Quesada	100$00
Um sapateiro	1$00
M. Medeiros	5$00
J. Rodrigues	5$00
Eustachio e outros	10$00
João	2$00
J. Placido (Pará)	12$00
Total	961$70

SAHIDAS

Composição e impressão n. 14	440$000
Composição e impressão n. 15	452$00
Selos	48$30
Passagens	17$70
Carreto	15$50
Aluguel de casa	40$00
Administração (2 sems)	70$00
Redação (2 semanas)	56$00
Estampilhas	1$20
Deficit do n. 13	68$20
Total	1:208$90

RESUMO

Entradas	961$70
Sahidas	1:208$90
Deficit	68$20

A imensa maioria dos casos que passam diante dos nossos tribunaes procede simplesmente da miseria, da má educação e suas consequencias, e desaparecerá com o estabelecimento de condições sociaes convenientes. — EDWARD CARPENTER.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Posta 1936, Rio de Janeiro.

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 reis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*